

Acredito que os esforços dos pesquisadores e dos profissionais que atuam na linha de frente permitirão, em breve, retomar o convívio social com segurança e, quem sabe, em bases mais solidárias e colaborativas



Ainda antes da quarentena, além da preocupação com o que estava por vir, a pandemia trouxe duas mudanças nos planos que tínhamos para abril: uma viagem sonhada que faríamos com minha filha e meu genro; e a comemoração dos 80 anos da minha mãe. A viagem foi cancelada, mas, a maior angústia é não saber quando poderemos reunir a família novamente, já que eles não moram no Brasil. Ao mesmo tempo, nos tranquilizamos acompanhando de longe a retomada das suas atividades em segurança. Já a festa de minha mãe, adiamos para 2021 – serão os 80+1 – e fizemos uma linda confraternização pelo Zoom, hábito adotado para todas as datas festivas da família. O isolamento social que fiz entre abril e maio não foi uma dificuldade e se tornou uma oportunidade de estar mais tempo em casa, pois desde 2001 me divido entre o trabalho no Rio e a moradia na região serrana. Foi necessário, no entanto, estabelecer uma nova rotina, conciliando o trabalho remoto com as tarefas domésticas. Para amenizar a ansiedade e a preocupação que esta incerteza sobre o futuro traz, tenho procurado manter atividades físicas, como pilates e yoga online, além de leitura e outras atividades, como jardinagem e um curso de fotografia que ganhei de

presente da minha filha no dia das mães.

Em junho voltei ao trabalho em sistema de rodízio, buscando manter, dentro do possível, estes aspectos positivos incorporados na rotina do isolamento. Acredito que os esforços admiráveis dos pesquisadores e dos profissionais que atuam na linha de frente desta grave crise nos permitirão, em breve, retomar o convívio social com segurança e, quem sabe, em bases mais solidárias e colaborativas.

***Foto: Passeando pelo meu bairro com uma das minhas companhias
Maria Paula Zambrano, Serviço de Infraestrutura/ COC***